



AS NARRATIVAS DE PROFESSORES NEGROS EM MORRO AGUDO DE GOIÁS

Muryllo da Silva Vidigal (IC)*, Hélivio Frank de Oliveira (PQ)²

muryllovidigal07@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Itapuranga, Avenida Rio Araguaia esquina com Rio Paranaíba, sem número Setor Milton Camilo de Faria, Caixa Postal 76680000, Itapuranga – Goiás, Brasil.

Resumo: O presente estudo tem por objetivo analisar as performances discursivas de professores negros da cidade de Morro Agudo de Goiás. Neste sentido, salienta a possibilidade de haver preconceitos étnico-raciais nas escolas, na sociedade local e como os docentes negros lidam e orientam sobre as práticas contra o racismo em sala de aula. É importante ainda destacar as histórias de vida de alguns dos professores negros entrevistados, sejam eles em efetivo exercício ou aposentados, e quais foram suas reações para com agressores. Todavia, tentar mostrar se ainda existe preconceito contra negros e como lidaram ou lidam com essas agressões, para tanto, entender que existe a ação de descolonizar a ideia do ser humano racista e imponderado, pois não cabe a ninguém julgar o ser humano apenas pela cor visível, sendo que cada indivíduo se define da cor que ele mesmo se identifica, respeitando as diferenças existentes em toda e qualquer sociedade. Portanto, é fato que a igualdade entre raças tem que ocorrer para o bem da nação brasileira.

Palavras-chave: Preconceitos étnico-raciais. Descolonizar. Respeitar. Diferenças.

Introdução

A finalidade desse projeto é pesquisar e refletir os discursos e experiências de professores da rede pública da cidade de Morro Agudo de Goiás, que consideram ser da raça negra, de forma a averiguar se os mesmos sofreram/sofrem algum tipo de preconceito relacionado, diretamente, à sua cor/descendência. Nesse caminho, parte-se do pressuposto que o professor é um importante agente que deve se responsabilizar pela promoção de práticas e visões que anelam a igualdade social, especialmente entre os seus alunos em ambientes educacionais.

E, por meio de uma adequada abordagem pedagógica pode-se (des)(re)construir (pré)conceitos que povoam o imaginário da sociedade, os quais inferiorizam pessoas da raça negra. Para tanto, é fundamental ouvir e discutir as narrativas de professores negros, pois, de fato, o racismo ainda vigora e prejudica



muitas pessoas, sendo necessário descolonizar saberes junto àqueles que são afligidos ou afligem.

Tornar explícitas certas problemáticas do cotidiano de um professor negro é de grande relevância, já que o material produzido e as ideias construídas podem ser explorados com o intuito de incitarem os alunos, e os próprios sujeitos investigados, à necessidade de resistência e à consciência de igualdade e respeito, independentemente da cor/raça.

Dessa forma, o projeto estima as narrativas pessoais de professores negros que, talvez, passaram/passam ou não por preconceitos raciais, para notar como fazem para aderirem práticas antirracistas em sala de aula. Isso porque, conforme Moita Lopes (2012), “[...] se expor a colegas e a professores com visões de mundo diferentes que subscrevem ideologias diversas, podendo assim se beneficiar das fricções que tais discursos podem trazer à tona.” (p. 09).

Gonçalves (2015), por exemplo, pontua uma boa alternativa para postar-se bem no ensino ao dizer que a “[...] utilização da literatura como fonte para elucidar as discussões relativas à educação das relações étnico-raciais mostrou-se pertinente para a faixa etária da educação infantil” (p. 127). Nesse viés, percebe-se que a leitura de fontes pertinentes tem sido um dos ótimos instrumentos usados por muitos professores que se comprometem em instruírem seus alunos contra a discriminação/ o preconceito racial.

Além de desejável, é notório que as relações descolonizadoras progridem nas relações sociais estabelecidas em âmbitos institucionais, principalmente, relações iniciadas por professores negros, que rompem e quebram paradigmas que a sociedade preconceituosa e racista estipula/sustenta como certos. De acordo com o Repertório bibliográfico sobre a condição o negro no Brasil (2017, p. 10)

[...] o Estado deve não só combater a discriminação, mas também fomentar a igualdade racial [...] ao menos nos setores mais progressistas da sociedade, até criarem as condições políticas necessárias para a aprovação da lei nº 12.288/2010 (Estatuto da Igualdade Racial).



No trecho, percebe-se que, por lei, as práticas racistas devem parar e/ou ser combatidas, uma vez que os negros conquistaram seu direito de igualdade após muitas lutas, perdas e vitórias. No entanto, infelizmente, ainda não é fácil conquistar seu espaço onde se defrontam com racistas, que se consideram superiores, melhores e detentores dos direitos que, em tese, são de todos.

Gabriel e Costa (2010) dizem que “[não] foi por acaso a obrigatoriedade da introdução de estudos da história e cultura Afro-brasileira no currículo, a partir da implementação da lei 10.639, trazendo à tona, antigas e novas, configurações de lutas hegemônicas indenitárias referenciadas no passado” (p. 94). Neste viés, pode-se identificar ainda que não foi por obrigação/acidentalmente que a história de negros foi citada, mas deram muita importância ao “antirracismo”, pois, de fato, até hoje luta-se para que a igualdade se estabeleça. Todavia não há uniformidade entre indivíduos de cor/raça diferentes, mas em pleno século XXI consegue-se dizer que é pouco visto práticas de discriminações na sociedade, para tanto, infelizmente ainda há o racismo em nossa sociedade.

Ao analisarmos a perspectiva de Gomes (2012), percebe-se sua crítica ao racismo e ele cita exemplos de arte que expõe essas práticas racistas. E uma de suas falas pertinentes diz: “a educação participa como um campo que articula de maneira tensa a teoria e a prática” (p. 99). Ou seja, quando quebramos paradigmas que a sociedade/mídia evidencia como o certo, quer dizer que pessoas empoderadas são formadoras de suas próprias opiniões e não aderem crenças/teses de outros indivíduos. Pois para lidar com o preconceito deve-se abster do contato com indivíduos que não expressão o devido respeito e denunciá-los, porque práticas racistas são crimes e precisam ser extintas ou combatidas o máximo possível.

No livro PEAB-Projeto de Estudos Afro-Brasileiros, relata um fato importante referente à nossa sociedade:

Em nossa sociedade, a interação entre as pessoas ainda acontece de acordo com valores construídos socialmente e historicamente, valores que levam em consideração o grupo étnico, a raça, a classe ou a nação a que cada pessoa pertence [...] E este comportamento certamente leva a que muitas crianças cresçam com preconceito contra raças, contra cor ou contra classe social e isso pode ser visto como uma “herança familiar”, ou seja, as



crianças já os trazem de casa e o preconceito se constitui “no senso comum dos indivíduos” (Silva, 2002, p. 1 apud Orlando et al. 2008, p. 61).

Neste viés, percebe-se que as crianças são alienadas desde o berço e por esse motivo mantêm-se fortes estereótipos presentes na sociedade, contrários inclusive ao que assevera no art 5º da Constituição Brasileira de que somos todos iguais, independentemente da cor, raça ou classe social, temos os mesmos direitos. Então, nos diversos âmbitos sociais, é preciso desmistificar (pre)conceitos estabelecidos pela mídia ou algum grupo social hegemônico, para assim estabelecer-se a igualdade entre todos os povos que constituem o Brasil.

Material e Métodos

Esta pesquisa, foi uma pesquisa qualitativa (MARCONI & LAKATOS, 2003) e um estudo de caso (GIL, 2008) na qual, inicialmente houve uma revisão bibliográfica para melhor embasamento teórico e posteriormente para a coleta dos dados, foram entrevistados professores que se intitulam negros (professores vinculados a uma instituição de ensino e aposentados) os mesmos foram entrevistados um a um, e essas entrevistas ocorreram de forma dinâmica em uma instituição de ensino da rede pública da cidade de Morro Agudo de Goiás, e na residência de alguns dos entrevistados, durante o mês de Março.

Resultados e Discussão

Ao iniciar a pesquisa, de paradigma qualitativo (MARCONI & LAKATOS, 2003), foi necessário o embasamento em algumas leituras, por motivos de fundamentação teórica e apoio no diálogo com os entrevistados. Na etapa de produção dos materiais empíricos, primeiramente, fui às escolas solicitar autorização da administração (diretoras), sendo que duas das diretoras afirmaram que não havia professores negro em suas escolas. Foi preciso explicar que cada pessoa se intitula da cor que queira e não podemos dar voz aos outros indivíduos. Recebi respostas desagradáveis, em que diziam que nenhum professor de sua escola é negro e, por



fim, não obtive a autorização de falar com os professores dessas duas instituições de ensino. Mas procurei-os em suas respectivas residências e encontrei alguns que se definem de cor negra.

Prossegui à última escola do município de Morro Agudo de Goiás, recebendo a autorização da diretora para conversar com os professores sobre o projeto de pesquisa e ver se haviam professores que se declaram ser de cor negra. Essa diretora realmente sabia que não devemos interferir e querer dar voz aos outros indivíduos. Por conseguinte, também conversei com professores aposentados e encontrei um que se declara ser de cor negra. As entrevistas foram agendadas e, dessa forma, foram feitas 6 (seis) entrevistas dinâmicas.

Ao analisar as entrevistas, é percebido que nenhum dos professores negros entrevistados se emocionaram em contar suas histórias de vida. Mas os que já sofreram com o racismo ficaram com a aparência triste e pálida quando falaram sobre suas experiências com o preconceito sofrido e presenciado em relação a outros indivíduos.

Quando entrevistei a Preta, achei muito interessante uma de suas respostas:

M: Você já se sentiu ofendida por alguém da escola por ser negra?

P: Da escola?

M: sim.

P: já, já me senti ofendida sim. Teve um aluno que falô que não queria ficar muito perto de mim, pra num, num ficar contaminada com minha cor.

Assim como Preta, outros professores também sofreram com o racismo nas escolas. É impressionante como o ser humano tem a capacidade de maltratar o outro só por serem de cor/raça/classe social diferente, mesmo cada um tendo suas próprias características e suas diferenças. Essas particularidades externas não devem interferir no que o outro é, no tocante aos seus valores morais, e sim demonstrarem que somos diferentes na aparência, mas iguais em querermos respeito e sermos mais do que as definições discriminatórias dizem sermos.

Outra pergunta que achei interessante por causa das reações dos entrevistados foi a pergunta número 9:



M: Você já presenciou alguma cena de preconceito racial vivido por outra pessoa?

Margarida: Já. A coisa muito deselegante, inclusive a pessoa É pulicial, é um primo meu só porque tá na reserva, já é delegado, e, ele até deu voz de prisão pra pessoa, só que não sei se foi arbitrário, ou se realmente ele podia fazer aquilo. É, ele na fila do banco, sabe, e a pessoa pegou e falou que ele tava demorando mais também tinha razão a pessoa só podia ser preto. Porque o povo não fala negro Muryllo, o povo fala preto mesmo. Tem razão, só podia ser preto. Ai ele só virô e deu voz de prisão.

Margarida, assim como outros entrevistados, presenciaram práticas racistas, inclusive com autoridades, como pôde-se perceber. Hoje em dia, as práticas racistas se tornaram comum no cotidiano, pois quando algo não ficou como esperado, fala-se que é “serviço de preto”, entre outros constrangimentos referentes as pessoas de cor negra, ou que se declaram ser negros. É constrangedor essas piadinhas preconceituosas, pois colocam a imagem dos negros como se fossem sujos, doentes, porcos, ladrões, na contramão do que realmente deveria ser feito: respeitar o próximo como a nós mesmos, para que o mundo social se torne cada vez melhor.

Uma outra resposta de Margarida também m chama a atenção:

M: Se você já viveu algum tipo de preconceito racial, você pode contar como se sentiu?

Margarida: Muryllo, a minha sogra, ela, ela acha, ela é mais escura que a gente, mas ela não é considerada negra. Assim, porque a família dela é toda branquinha, mais ela é mais escura, e ela, tudo de errado que acontece, ela não fala claramente, mas sogra cê sabe como é, né, mas ela sempre fala assim ó, olha ali ó, olha a cor de fulano ó, quando nois tá todo mundo junto, os primu, por isso que não dá certo, purisso que não funciona, inclusive as minhas meninas, na época que a minha filha mais velha nasceu, ela ainda colocou assim, que como que a minha filha era daquela cor, sendo que o pai dela era branquinho, ela olhava para minha filha e assim, que nariz é esse?, esse nariz não pertence ao seu pai.



É deprimente saber que existe pessoas que julgam traços como se fossem de negro, ou que fazem críticas preconceituosas para atingir outro indivíduo só por ser de cor diferente. A sociedade deveria se preocupar mais com seus ideais e não ficar jogando cor, raça e classe social. É incoerente querer julgar outras pessoas sendo que ninguém é perfeito, pois, de fato, ninguém tem o direito de querer impor o que é certo e errado, ou o que é bonito e feio ao outro.

Considerações Finais

Quando falamos do combate contra o racismo é preciso conscientizar a população de que fazemos parte de uma sociedade com inúmeras cores/raças, que devemos respeitar as diferenças, pois, a cor/raça não é critério para inferiorizar outro indivíduo que possui características distintas e menos prestigiadas socialmente. O racismo é um crime que deve ser cortado pela raiz e a luta em função desse propósito foi iniciada há muito tempo, porém, ainda existem muitas práticas preconceituosas que vigoram em nossa sociedade brasileira.

Como pode-se notar, os professores negros de Morro Agudo de Goiás sofrem e sofreram maus tratos por causa de sua cor. Entretanto, eles estão se esforçando para desmistificar (pre)conceitos de seus alunos. Sempre que surgem piadas de estigmatizam o negro, eles intervêm e buscam mostrar que todos somos importantes nas nossas diferenças, não importa de que cor/raça se trata. Quem constrói quem seremos e somos é a nossa determinação e nossa forma de viver, e não, como acontece com os negros, o frequente e errôneo julgamento que afirma uma suposta incapacidade de promoverem ascensão social, na tentativa de comportá-los ao perfil de profissões que são mais desvalorizadas.

Portanto, é evidente que há uma grande desigualdade social e isso se deve a tendência de uma sociedade preconceituosa, em que inferiorizam o negro e até o imaginam como um marginal. Uma deprimente realidade, mas não o suficiente para provocar o silêncio e a negligência dos fatos. Os movimentos de resistência têm sido cada vez mais recorrentes, uma união de forças para acabar com a falta de respeito e a discriminação no Brasil, na busca de ter o direito não só de ser

diferente, mas de fazer a diferença por um país melhor, no qual todo cidadão seja respeitado independentemente da cor, raça ou classe social.

Agradecimentos

Agradeço o profissionalismo e concessão da bolsa que o PIBIC/UEG me proporcionou. Com o dinheiro consegui recolher o material empírico para que concluísse a pesquisa e pude me deslocar da minha cidade, Morro Agudo de Goiás, para ir estudar e participar de reuniões com meu orientador Dr. Hélvio Frank, que também foi fundamental para com a minha pesquisa, pois me orientou em todo o percurso que tive para a conclusão desse projeto de pesquisa IC&T.

Referências

BRASIL. **Repertório bibliográfico sobre a condição o negro no Brasil**. Centro de Documentação e Informação (Cedi), Câmara dos Deputados, DF: Edições Câmara, 2017.

GABRIEL, C. T.; COSTA, W da. Que "negro" é esse que se narra nos currículos de História?. **Revista Teias**, [S.l.], v. 11, n. 22, 20 p., ago. 2010. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24117>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** – 6. Ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, N. L. Relações étnicos-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr, 2012.

GONÇALVES, L. R. D. Educação para as relações étnicos-raciais: elementos para uma prática exitosa. In: PEREIRA, M. C.; RIBEIRO, C. M. (Org.). **Educação e relações étnicos-raciais: diálogos, silêncios e ações**. Goiânia: UFG, 2015.



MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguagem e escola na construção de quem somos. In: FERREIRA, A. de J. (Org.). **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade**: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDO, F. A. et al. Os estereótipos do negro presente em livros didáticos: uma análise a partir dos parâmetros nacionais. In: FERREIRA, A. de J. (Org.). **PEAB – Projeto de estudos afro-brasileiros**: contexto, pesquisas e relatos de experiências. Cascavel: Unioeste, 2008.